

Tempo de crise: emprego e desemprego no Município de São Paulo

De meados dos anos 2000 até o início da década seguinte, o país apresentou grande dinamismo econômico, com reflexos diretos no mercado de trabalho: forte queda do desemprego, aumento da formalização dos vínculos empregatícios e crescimento real dos salários e rendimentos do trabalho. Muitas análises aludiam à possibilidade de se atingir o pleno emprego e apontavam futuros gargalos no perfil das ocupações que poderiam restringir a manutenção da virtuosidade econômica. Entretanto, a partir de 2014, esse quadro se inverteu e o país foi enredado em profunda crise, com expressiva queda nos níveis de investimento privado, na arrecadação pública e na geração de emprego e renda. No mercado de trabalho, o desemprego cresceu vertiginosamente, e, dentre os ocupados, a participação do trabalho informal recrudescceu.

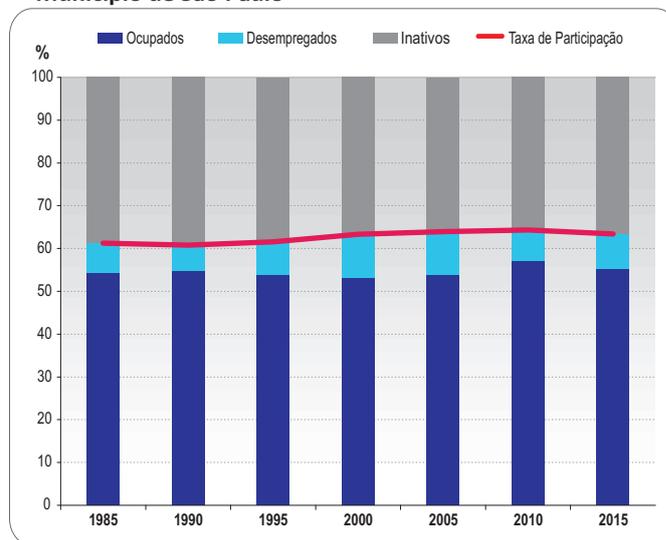
Neste contexto, no presente Informe, pretende-se tecer considerações sobre os reflexos desta crise no mercado de trabalho paulistano, realizando uma análise sucinta de alguns aspectos relativos aos impactos nas condições de emprego e desemprego e no perfil das ocupações no Município de São Paulo¹, levando em conta, sobretudo, segmentos mais diretamente afetados: jovens, mulheres, pretos e pardos.

O estudo baseou-se em duas fontes principais: a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) da Fundação SEADE em parceria com o DIEESE e os registros administrativos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), coletados pelo Ministério do Trabalho. Nestes últimos, as ocupações foram organizadas a partir da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), catálogo que descreve e identifica cada ocupação e permite trabalhar simultaneamente estatísticas agregadas, na figura dos Grandes Grupos (GGs), e estatísticas desagregadas por Famílias Ocupacionais, que reúnem todas as ocupações similares em habilidades e competências².

No município, a análise da série histórica disponibilizada pela Fundação SEADE mostra, em primeiro lugar, que a proporção entre a população economicamente ativa (PEA) e a população em idade ativa (PIA)³, indicador conhecido como 'Taxa de Participação', vinha crescendo desde os anos 1990, de modo compatível com o chamado "bônus demográfico". Todavia, a partir de meados dos anos 2000, este crescimento perde o vigor e se inverte no período recente, conforme Gráfico 1.

De relevante para a avaliação do mercado de trabalho é o fato de que, na presente crise, este indicador apresentou um decréscimo de 1 p.p. em relação ao patamar de 64% que prevalecia desde 2008, demonstrando que os efeitos da recessão sobre o mercado de trabalho não foram agravados pela entrada significativa de pessoas à procura de emprego.

Gráfico 1 - Distribuição da População em Idade Ativa, Município de São Paulo



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade - Dieese e Ministério do Trabalho/ FAT; Elaboração: SMUL/ Geoinfo

¹ Outros órgãos e institutos de pesquisas também têm acompanhado os desdobramentos da recessão econômica no mercado de trabalho municipal, dentre os quais se destaca o Observatório do Trabalho de São Paulo, uma parceria entre a Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal do Trabalho e Empreendedorismo - SMTE (atual Secretaria de Desenvolvimento Econômico) e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE. O Observatório do Trabalho pode ser acessado no endereço <http://saopaulo.dieese.org.br/>

² Embora os indicadores desse estudo tenham como base as famílias ocupacionais, utilizar-se-á a partir de agora o termo "ocupação" como seu sinônimo.

³ População em Idade Ativa (PIA): pessoas com 10 ou mais anos de idade. População Economicamente Ativa (PEA): pessoas em idade ativa que efetivamente estão no mercado de trabalho, ocupadas ou à procura de emprego.

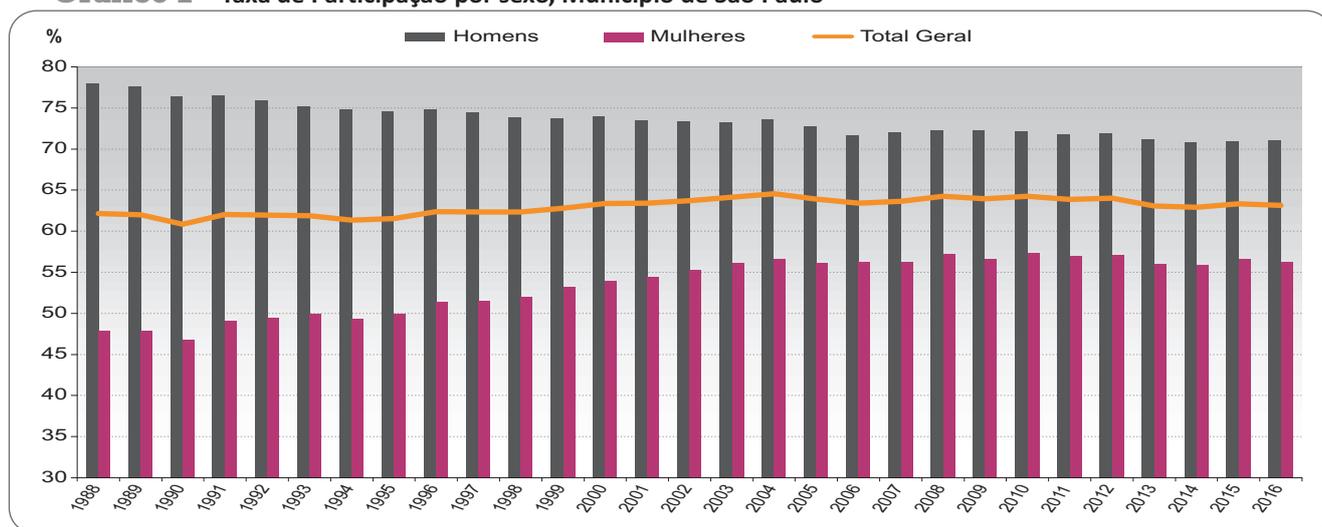
Deve-se notar que a evolução da taxa de participação, quando observado o atributo sexo, apresenta valores superiores para os homens em relação às mulheres, havendo diminuição da diferença até meados dos anos 2000, devido a um contínuo decréscimo nos índices relativos à taxa masculina e um forte crescimento dos índices femininos, conforme Gráfico 2. No período seguinte, sobretudo entre 2008 a 2012, estabilizam-se as taxas masculina e feminina, com destaque para o indicador relativo às mulheres, que sinaliza a paralisação do movimento histórico de crescimento e convergência para a taxa masculina. No período recente, recessivo, há decréscimo nas taxas, com a masculina atingindo 70,8% em 2016, o menor patamar de toda a série, e a feminina, 56,3%, regredindo para valores inferiores aos observados desde 2007.

Do ponto de vista da raça/cor, os dados mostram que a taxa de participação dos negros (pretos e pardos) pouco se

altera em toda a série, permanecendo sempre superior à dos não negros (soma de brancos, amarelos e indígenas, com grande predominância dos primeiros). No período recente, a queda da taxa de participação total é diretamente influenciada pelo decréscimo da taxa dos não negros, de acordo com Gráfico 3.

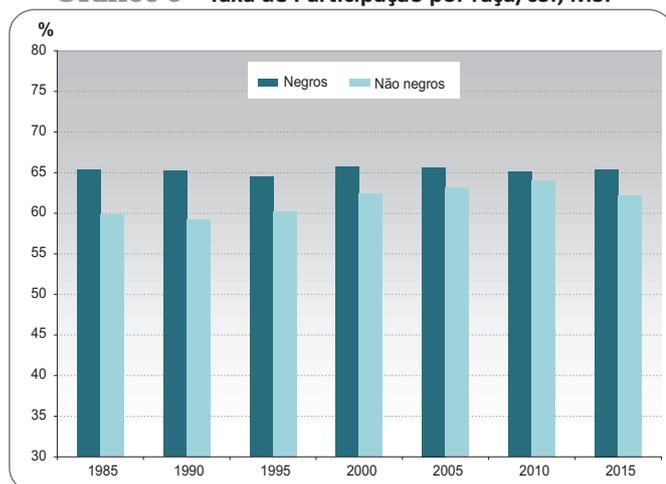
Para complementar a análise dos atributos propostos para este Informe, a abordagem por faixa etária mostra alguns pontos interessantes, como a tendência decrescente das taxas de faixa etária entre 16 a 24 anos, sobretudo no período recente: de 2010 a 2015, a taxa de participação decresceu quase 1 ponto percentual ao ano, conforme Gráfico 4 abaixo. De outro lado, há um grande aumento das taxas entre 50 e 59 anos. Cabe destacar que a série histórica apresenta dados da faixa entre 10 e 15 anos, cuja taxa de participação era significativa nos anos 80, mas que agora se apresenta bem inferior às demais, graças às mudanças, ainda em processo, contrárias ao trabalho infantil, devido aos avanços da legislação e fiscalização.

Gráfico 2 - Taxa de Participação por sexo, Município de São Paulo



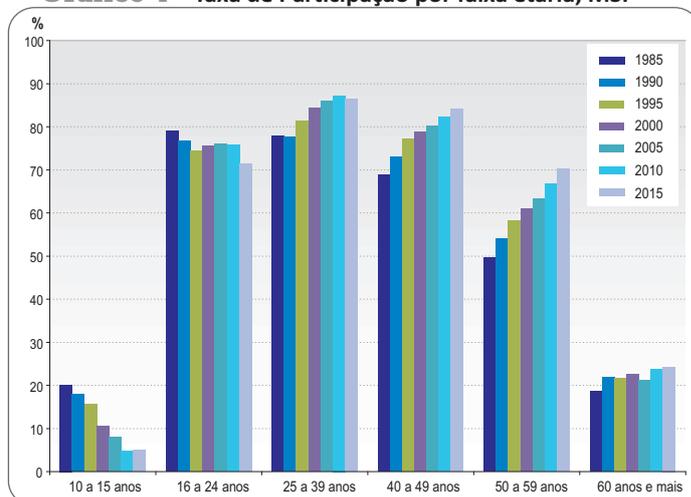
Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade - Dieese e Ministério do Trabalho/ FAT; Elaboração: SMUL/ Geoinfo

Gráfico 3 - Taxa de Participação por raça/cor, MSP



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade - Dieese e Ministério do Trabalho/ FAT; Elaboração: SMUL/ Geoinfo

Gráfico 4 - Taxa de Participação por faixa etária, MSP



A desistência dos jovens pela procura de emprego devido à falta de oferta de vagas para pessoas sem experiência, tem postergado a entrada no mercado de trabalho, o que explicaria, em parte, a queda na taxa de participação. De toda a forma, a tendência verificada dá mostras da amplitude da crise econômica brasileira e de seu rebatimento local; e o grande aumento do desemprego no município, analisado a seguir, dimensiona de maneira mais palpável os impactos da atual crise.

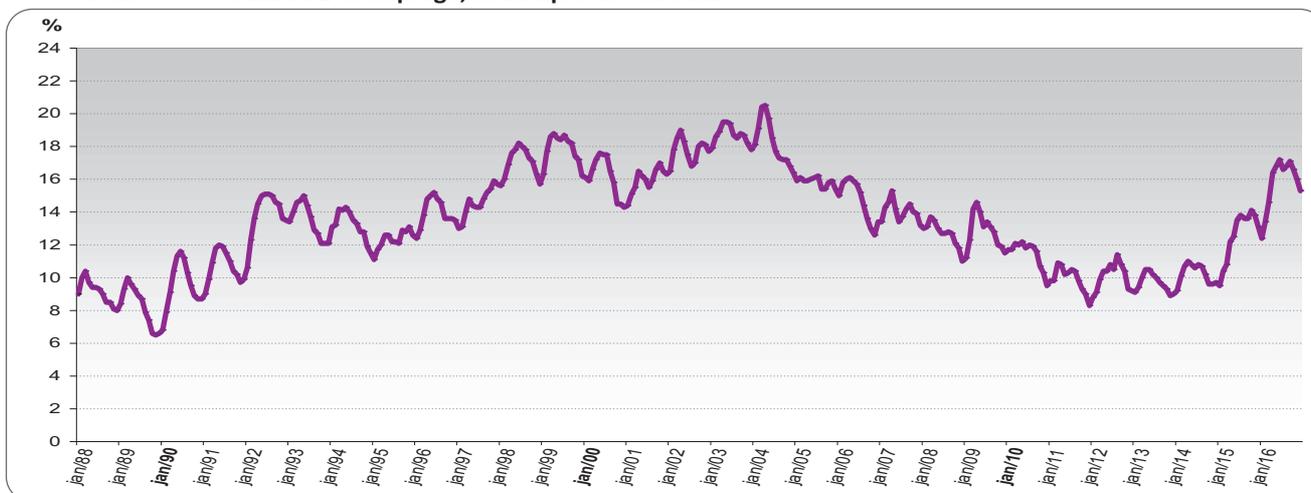
Desemprego atinge marcas históricas

No Gráfico 5 a seguir, pode-se observar a evolução do percentual de desempregados em relação ao total de população economicamente ativa. Nota-se a expressiva elevação nos últimos anos: a taxa de desemprego salta de um patamar de 10% nos anos 2011 a 2014 e chega a alcançar 16% em 2016.

Em termos absolutos, isto equivale a uma adição de mais de 370 mil pessoas ao contingente dos moradores do município que procuram emprego, elevando o total de desempregados a mais de um milhão de pessoas ao final de 2016. Pode-se notar também que o patamar alcançado já se aproxima dos mais altos índices verificados em toda a série, ocorridos nas crises do final dos anos 90 e do início dos anos 2000.

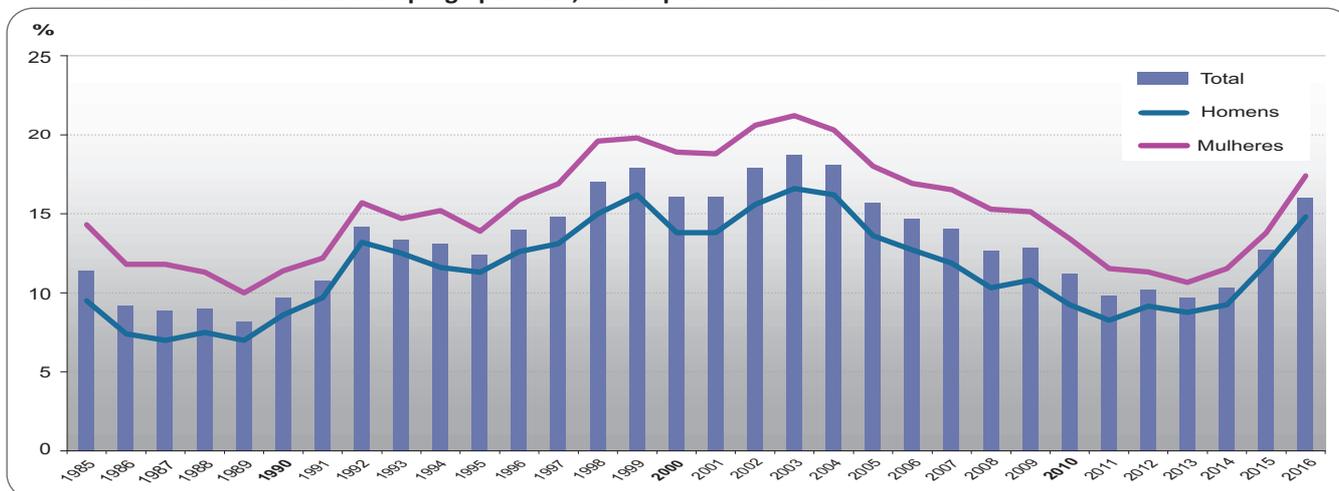
As mulheres historicamente apresentam taxas mais elevadas para este indicador do que as observadas para os homens e, embora a diferença tenha decrescido no decorrer do tempo, o expressivo aumento do desemprego ocorrido nos últimos anos incidiu sobre ambos e manteve-se o *gap* relativo entre os gêneros: a taxa de desemprego masculina salta de 9,2% em 2012 para 14,8% em 2016, enquanto a feminina sai de 11,3% e atinge 17,4% no mesmo período, segundo Gráfico 6 abaixo.

Gráfico 5 - Taxa de Desemprego, Município de São Paulo



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade - Dieese e Ministério do Trabalho/ FAT; Elaboração: SMUL/ Geoinfo

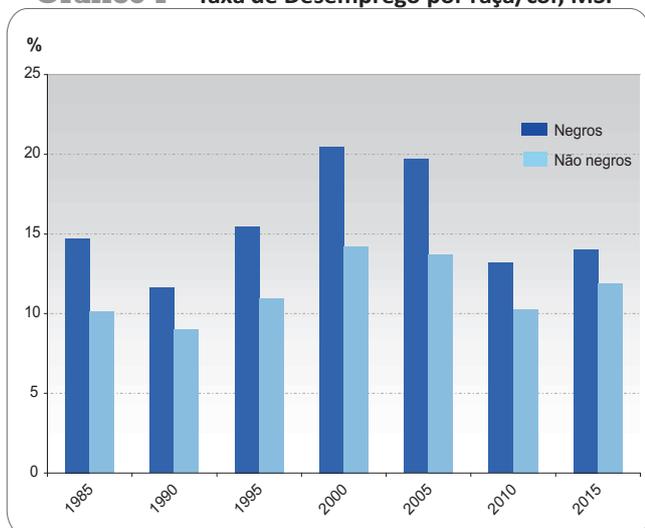
Gráfico 6 - Taxa de Desemprego por sexo, Município de São Paulo



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade - Dieese e Ministério do Trabalho/ FAT; Elaboração: SMUL/ Geoinfo

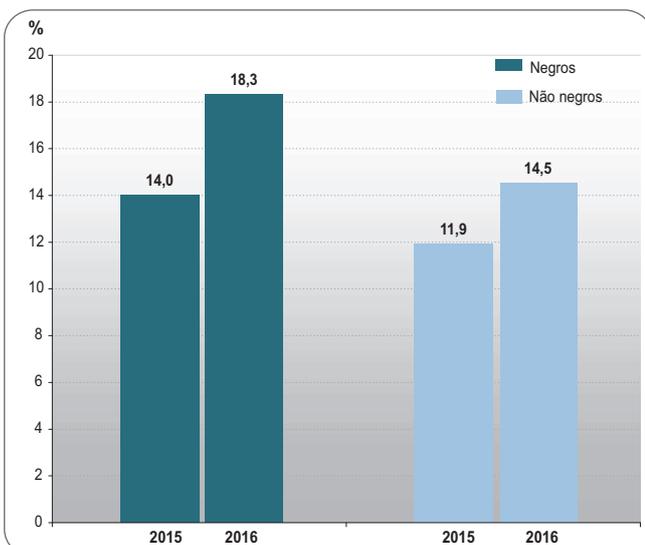
O mesmo tipo de análise poderia ser feito com relação aos negros e não negros até o ano de 2015, visto aqui no Gráfico 7: em toda a série, a taxa de desemprego dos negros é maior, havendo uma redução do hiato nos últimos anos devido a um maior crescimento relativo da taxa dos não negros. Entretanto, isto perde valor diante da substantiva elevação da taxa de desemprego dos negros em 2016: crescimento de 4,3 p.p. em relação a 2015, retornando a discrepância entre negros e não negros aos níveis de 2012, conforme Gráfico 8.

Gráfico 7 - Taxa de Desemprego por raça/cor, MSP



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade - Dieese e Ministério do Trabalho/ FAT; Elaboração: SMUL/ Geoinfo

Gráfico 8 - Taxa de Desemprego por raça/cor, MSP 2015-2016



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade - Dieese e Ministério do Trabalho/ FAT; Elaboração: SMUL/ Geoinfo

A pior situação na análise de desemprego por atributos pessoais ocorre com os jovens, onde uma em cada três pessoas na faixa de 16 a 24 anos interessadas em trabalhar não encontrava emprego em 2016. Historicamente, esta faixa etária apresenta altos índices de desemprego, superiores às demais, porém na conjuntura atual, ultrapassaram os picos ocorridos em outras crises econômicas, conforme Tabela 1.

A faixa seguinte apresentada na pesquisa, de 25 a 39 anos, também merece destaque, pois é a que congrega o maior número absoluto de trabalhadores e as taxas apresentadas recentemente são muito altas para o segmento, tendo sua maior marca em 2016: aproximadamente 14%. As demais faixas de idade, iguais ou superiores a 40 anos, também apresentam altos índices de desemprego, próximos aos verificados em outros períodos recessivos.

A título de observação, crianças de 10 a 15 anos aparecem nas pesquisas com altíssimas taxas de desemprego, que não decorrem propriamente de problemas relacionados à diminuição da atividade econômica e sim, muito mais, fruto da legislação e políticas em prol da erradicação do trabalho infantil, que no entanto, ainda persiste em variadas situações.

Tabela 1 - Taxa de Desemprego por faixa etária, MSP - 1985 a 2015

Anos	Taxa de Desemprego (%)					
	Faixa etária					
	10 a 15 anos	16 a 24 anos	25 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	60 anos e mais
1985	37,5	17,2	8,0	5,8	5,3	(1)
1990	31,4	15,7	7,4	4,7	4,4	(1)
1995	41,2	20,6	9,3	7,1	6,0	(1)
2000	48,1	26,6	12,9	10,6	9,4	8,1
2005	47,8	28,6	12,7	10,2	9,1	(1)
2010	49,4	22,8	9,4	6,5	6,7	(1)
2011	41,6	20,4	8,1	5,8	5,1	(1)
2012	56,0	21,6	8,7	5,7	4,7	(1)
2013	52,7	20,9	8,3	5,4	4,5	(1)
2014	57,1	22,2	9,0	6,0	5,2	(1)
2015	63,0	28,3	11,0	7,3	6,6	(1)
2016	71,2	34,7	13,9	9,6	8,6	7,6

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade - Dieese e Ministério do Trabalho/ FAT; Elaboração: SMUL/ Geoinfo

Município perde mais de 200 mil postos de trabalho formal

Com os dados mais gerais do mercado de trabalho em mãos, busca-se analisar o comportamento das ocupações antes e durante a crise econômica. Parte-se da premissa de que o crescimento econômico e a crise posterior impactam de forma diferente cada estrato ocupacional. Assim, se observará em primeiro lugar os “Grandes Grupos Ocupacionais”- GGs, e depois, com mais detalhes, as “Famílias Ocupacionais”⁴.

As informações ora tratadas, provenientes do Ministério do Trabalho, referem-se ao local de trabalho e não ao da residência do trabalhador, como no caso da Pesquisa de Emprego e Desemprego do SEADE/DIEESE analisada anteriormente. Assim, não abordam exclusivamente os moradores da cidade, mas todos aqueles que trabalham no município, o que, todavia, não descaracteriza a análise, uma vez que, segundo o último Censo Demográfico, mais de 95% dos trabalhadores paulistanos estavam ocupados no próprio município.

Ao considerar o total de empregos formais⁵ no período anterior à eclosão da crise brasileira (2012) em comparação com os dados mais recentes (2016), os números mostram resultados preocupantes para a capital paulista: o total dos ocupados caiu 5,2%, enquanto no Estado de São Paulo e no Brasil, as perdas foram menores: 4,3% e 2,7% respectivamente. No município, essa queda correspondeu ao fechamento de 227 mil empregos com carteira assinada, em sua maior parte em ocupações tipicamente de baixa escolaridade e experiência, afetando muito provavelmente indivíduos e famílias de baixa renda.

Analisados os GGs, o pior desempenho foi o ‘Grupo 7 - Trabalhadores da construção civil e de processos industriais discretos’⁶, com saldo líquido negativo de 166.626 vagas, ou seja, -22,7% em relação ao início do período. Este grupo, terceiro maior em número de trabalhadores, representava 16,9% do total do mercado formal de trabalho em 2012 e baixou para 13,8% em 2016, conforme Gráfico 9 a seguir.

Tabela 2 - Grandes Grupos Ocupacionais ^{(1) (2)}, Município de São Paulo - 2012 e 2016

Código	Grande Grupo CBO	N.º absoluto de empregos		Variação absoluta	Variação relativa (%)
		2012	2016		
1	Dirigentes de empresas	248.828	247.834	- 994	- 0,4
2	Profissionais das ciências e das artes	482.776	533.088	50.312	10,4
3	Técnicos de nível médio	467.644	458.529	- 9.115	- 1,9
4	Trabalhadores de serviços administrativos	1.040.046	929.486	- 110.560	- 10,6
5	Trabalhadores dos serviços e do comércio	1.208.687	1.239.177	30.490	2,5
6	Trabalhadores agropecuários	12.000	10.063	- 1.937	- 16,1
7	Trabalhadores da construção civil e de processos industriais discretos	735.329	568.703	- 166.626	- 22,7
8	Trabalhadores de processos industriais contínuos	85.410	75.655	- 9.755	- 11,4
9	Trabalhadores em reparação e manutenção	73.964	65.340	- 8.624	- 11,7
	Total	4.354.684	4.127.875	- 226.809	- 5,2

(1) Não inclui ‘Administração pública’ e 381 postos de trabalho sem classificação.

(2) A família ocupacional ‘1423 - Gerentes de comercialização, marketing e comunicação’ passa a existir a partir de 2013, assumindo o estoque de algumas ocupações que deixaram de existir da família ‘2531 - Profissionais de publicidade’. Essa mudança de classificação impactava o cálculo dos indicadores para os GGs, razão pela qual os valores foram ajustados para 2012 a partir da referência de 2013.

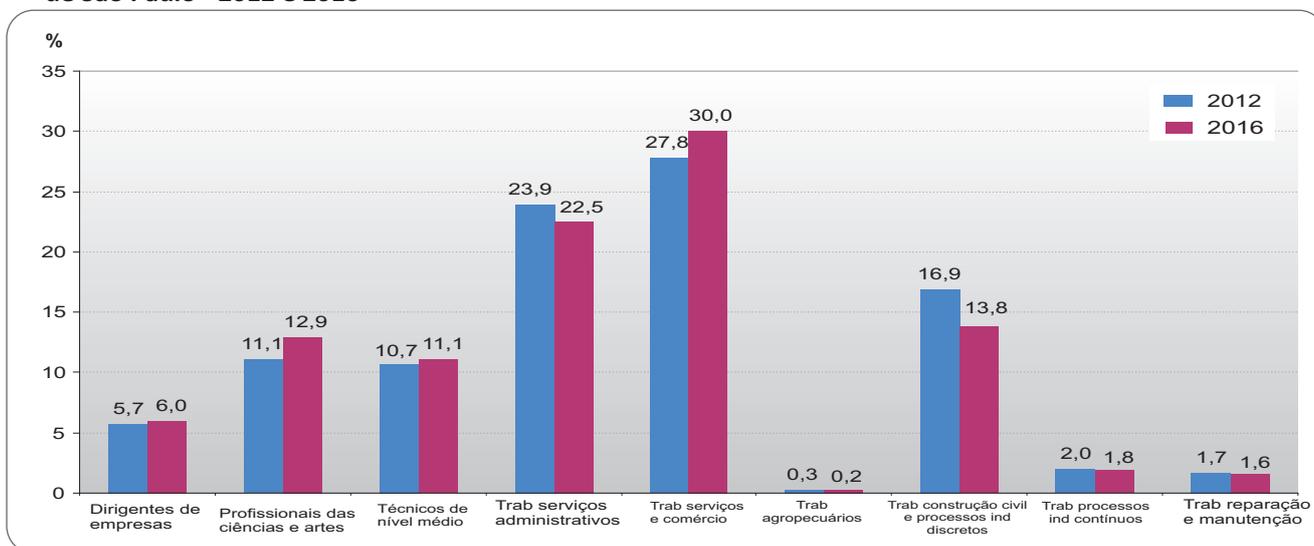
Fonte: Relação Anual de Informações Sociais - RAIS, Ministério do Trabalho; Elaboração: SMUL/ Geoinfo

⁴ Os “Grandes Grupos Ocupacionais” ou “GGs” são o topo da estrutura classificativa da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), sendo o nível mais agregado dos indicadores, abrangendo amplas áreas de emprego; na codificação assumem um dígito. As “Famílias Ocupacionais”, que reúnem ocupações/ profissões similares nas atividades cotidianas e competências exigidas, assumem quatro dígitos na codificação. A CBO, com sua estrutura hierárquico-piramidal, é fruto de extenso trabalho de pesquisa e discussão com os mais diversos atores sociais, levando em consideração não apenas aspectos de qualificação profissional, mas também as situações de trabalho. Para maiores informações: <http://www.mteco.gov.br/cbosite>

⁵ Não inclui administração pública.

⁶ Os processos industriais discretos são definidos como aqueles cujos produtos podem ser facilmente identificados e individualizados. Neles, os trabalhadores empregam suas habilidades, sobretudo na forma do produto. Ex: fabricação de roupas, de peças de metal, de móveis, etc. Os processos industriais contínuos são aqueles nos quais o produto não pode ser facilmente identificado e que emerge de um processo continuamente gerado. Aqui, os trabalhadores usam suas habilidades para o controle físico-químico dos processos. Ex: siderurgia, petroquímica, energia elétrica, etc.

Gráfico 9 - Distribuição dos postos de trabalho, segundo os Grandes Grupos Ocupacionais, Município de São Paulo - 2012 e 2016



Fonte: Relação Anual de Informações Sociais - RAIS, Ministério do Trabalho; Elaboração: SMUL/ Geoinfo

Um grupo importante na estrutura ocupacional do município e que também apresentou queda significativa foi aquele dos trabalhadores em “Serviços administrativos” (Grupo 4). De 2012 a 2016, esse grupo amargou uma queda de 10,6%, a segunda pior dentre os nove grupos ocupacionais, equivalente ao fechamento de 110.560 postos de trabalho. Outros grupos também apresentaram desempenhos relativos muito ruins, colecionando perdas acima de 10%, conforme Tabela 2; porém, por agregarem poucos trabalhadores, não foram tão relevantes na composição das perdas.

Se de um lado a base da pirâmide sócio-ocupacional sofreu com maior intensidade os desdobramentos do fracasso econômico dos últimos anos, os dados mostram que os altos grupos ocupacionais não estiveram tão expostos à degradação do mercado formal: o Grupo 1, que reúne dirigentes e trabalhadores de áreas de comando do setor privado, teve uma pequena queda de 0,4%, praticamente estável. Já os profissionais de ensino superior e de alta formação - Grupo 2 - somou importante crescimento de 10,4% na comparação 2012 *versus* 2016, equivalente a mais de 50 mil postos de trabalho.

Dentre os Grandes Grupos Ocupacionais, não se pode deixar de mencionar o comportamento observado no Grupo 5 - “Trabalhadores dos serviços e do comércio”, que congrega o maior número absoluto de pessoas no município. Apesar da crise, este grupo apresentou crescimento de 2,5% no período, adicionando mais de 30 mil empregos ao contingente de mais de um milhão e duzentos mil trabalhadores que o compõe.

Ocupações de escritório e da construção civil apresentaram forte declínio

Uma vez analisados os Grandes Grupos, pode-se descrever melhor as ocupações mais atingidas pela recessão econômica através da leitura dos dados com base nas Famílias Ocupacionais.

Dessa maneira, se consideradas as dez ocupações que mais decresceram em número de trabalhadores, cujas perdas, somadas, representam mais de metade do total dentre as famílias ocupacionais com saldo negativo no período, seis pertencem ao comércio e serviços. Os “assistentes e auxiliares administrativos” foram os mais impactados, com um saldo negativo líquido de 55.715 postos de trabalho fechados, ou seja, um decréscimo de 12,4% entre 2012 e 2016. “Trabalhadores de conservação de edifícios e logradouros”, “trabalhadores de cargas e descargas de mercadorias” e “vigilantes e guardas de segurança” foram famílias ocupacionais que tiveram também grande número de demissões: saldo de mais de 10 mil vagas fechadas cada uma. Os “escriturários de serviços bancários” e “caixas” (exceto caixa de banco) completam o quadro com pior desempenho das atividades comércio/serviços: mais de 8 mil vagas fechadas, conforme Tabela 3 a seguir.

Ocupações típicas da construção civil também aparecem com destaque dentre as com maiores perdas: “ajudantes de obras civis”, “trabalhadores de estruturas de alvenaria” e “trabalhadores em estruturas de madeira e metal em obras civis”.

Tabela 3 - Ocupações - Maiores perdas⁽¹⁾, Município de São Paulo - 2012 e 2016

Ranking	Ocupação	N.º absoluto de empregos		Variação absoluta	Variação relativa (%)	Participação no saldo negativo (%)
		2012	2016			
1.º	Assistentes e auxiliares administrativos	449.095	393.380	- 55.715	- 12,4	13,4
2.º	Ajudantes de obras civis	80.316	48.530	- 31.786	- 39,6	7,6
3.º	Alimentadores de linhas de produção	57.959	44.620	- 13.339	- 23,0	3,2
4.º	Trabalhadores de estruturas de alvenaria	40.563	28.992	- 11.571	- 28,5	2,8
5.º	Trabalhadores de conservação de edifícios e logradouros	51.151	40.677	- 10.474	- 20,5	2,5
6.º	Trabalhadores de cargas e descargas de mercadorias	42.193	31.785	- 10.408	- 24,7	2,5
7.º	Vigilantes e guardas de segurança	129.377	119.147	- 10.230	- 7,9	2,5
8.º	Escriturários de serviços bancários	44.014	35.300	- 8.714	- 19,8	2,1
9.º	Caixas (exceto caixa de banco)	85.330	76.935	- 8.395	- 9,8	2,0
10.º	Trabalhadores em estruturas de madeira, metal em obras civis	21.752	13.747	- 8.005	- 36,8	1,9

(1) Não inclui 'Administração pública' e postos de trabalho sem classificação. Inclui alterações na família ocupacional 1423 (Ver nota 2, Tabela 2).

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais - RAIS, Ministério do Trabalho; Elaboração: SMUL/ Geoinfo

No caso dos “ajudantes de obras civis”, as perdas somaram mais de 30 mil vagas, ou seja, uma diminuição de 40% dos empregos existentes em 2012. Completando o quadro, os “alimentadores de linhas de produção”, alocados na indústria de transformação, tiveram o terceiro pior desempenho: mais de 13 mil vagas perdidas.

Crescem as vagas para trabalhadores nos serviços de manutenção

Mesmo com o fechamento de postos de trabalho em diversas atividades, algumas ocupações apresentaram saldo positivo, como o caso da família ocupacional “trabalhadores nos serviços de manutenção de edificações” com crescimento de 18,6% entre 2012 e 2016, equivalente a mais de 32 mil vagas criadas. Um crescimento bastante expressivo também foi verificado nos postos de trabalho destinados aos “trabalhadores nos serviços de alimentação”: aproximadamente 20 mil vagas, o que fez dobrar o contingente de pessoas empregadas

nesta categoria. Em 2016, o total ultrapassava 38 mil trabalhadores.

No que diz respeito aos “professores de nível superior na educação infantil”, com saldo positivo de mais de 10 mil vagas, a obrigatoriedade do ensino superior para os profissionais que atuam nas salas de aula, decorrente da aprovação de projeto de lei tramitava no Congresso Nacional desde 2009, transformado definitivamente em lei ordinária em 2010, parece ser o principal fator explicativo.

Assim como estas, as demais que compõe a lista das dez famílias ocupacionais com melhor desempenho são todas típicas do setor de serviços, com destaque para as ocupações ligadas ao setor de saúde e assistência, com três representantes: “técnicos e auxiliares de enfermagem”, “enfermeiros de nível superior e afins” e “trabalhadores de atenção a pessoas em situação de risco”, conforme Tabela 4.

Tabela 4 - Ocupações - Maiores ganhos⁽¹⁾, Município de São Paulo - 2012 e 2016

Ranking	Ocupação	N.º absoluto de empregos		Variação absoluta	Variação relativa (%)	Participação no saldo positivo (%)
		2012	2016			
1.º	Trabalhadores nos serviços de manutenção de edificações	175.778	208.467	32.689	18,6	17,3
2.º	Trabalhadores nos serviços de alimentação	18.881	38.336	19.455	103,0	10,3
3.º	Professores de nível superior na educação infantil	8.553	19.288	10.735	125,5	5,7
4.º	Motoristas de ônibus urbanos, metropolitanos e rodoviários	27.566	36.126	8.560	31,1	4,5
5.º	Técnicos e auxiliares de enfermagem	74.740	83.084	8.344	11,2	4,4
6.º	Porteiros, guardas e vigias	117.035	125.213	8.178	7,0	4,3
7.º	Administradores de empresas	33.770	41.833	8.063	23,9	4,3
8.º	Enfermeiros de nível superior e afins	23.700	29.149	5.449	23,0	2,9
9.º	Profissionais de relações públicas, publicidade e mercado	7.118	12.210	5.092	71,5	2,7
10.º	Trabalhadores de atenção a pessoas em situação de risco	2.086	5.531	3.445	165,1	1,8

(1) Não inclui 'Administração pública' e postos de trabalho sem classificação. Inclui alterações na família ocupacional 1423 (Ver nota 2, Tabela 2).

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais - RAIS, Ministério do Trabalho; Elaboração: SMUL/ Geoinfo

Conclusão

Desde 2014, a crise econômica fez regredir os indicadores de mercado de trabalho aos níveis do início da década dos anos 2000, com desdobramentos sociais inevitáveis em especial com a concentração de renda e riqueza, tendência já verificada em IBGE(2017). Com esse pano de fundo, o Informe procurou descrever aspectos ligados ao crescimento do desemprego e as ocupações e atividades econômicas que perderam ou ganharam postos de trabalho no período de 2012 a 2016, tentando quando possível apontar prováveis causas para o comportamento de cada uma, reforçando os achados através dos dados de cada setor de atividade econômica.

Em primeiro lugar, notou-se que a taxa de participação teve um leve declínio após 2014 indicando que não houve maior pressão sobre o mercado de trabalho proveniente de mudanças estruturais na proporção entre a população economicamente ativa e a inativa. Manteve-se o *gap* entre homens e mulheres e entre negros e não negros, com a observação da interrupção, já antes da crise, da elevação da participação feminina no mercado, que convergia para os níveis do sexo masculino.

No período recente, houve um aumento significativo nas taxas de desemprego, impactando, sobretudo os jovens: um em cada três não encontra emprego. As mulheres e os negros também mantiveram a tendência histórica de apresentarem taxas de desemprego superiores, respectivamente, aos homens e aos não negros. O desemprego no município já atinge mais de um milhão de pessoas.

No mercado formal de trabalho, o Município de São Paulo colecionou uma queda mais acentuada em comparação com o Estado de São Paulo e o Brasil. Nessa queda, as ocupações de menor escolaridade/qualificação foram atingidas com força e a retração impactou, sobretudo, a construção civil, lugar tradicional de absorção deste tipo de mão de obra. Por outro lado, as ocupações de alta escolaridade foram relativamente poupadas. O saldo negativo de vagas foi contrabalançado em parte com o crescimento de algumas ocupações, em sua maior parte ligadas ao universo dos serviços. A princípio, esse crescimento se deu por questões pontuais, não indicando nos dados de 2016 um recuperação consistente do mercado de trabalho paulistano.

Referências:

GARCIA, Lucia; GONZAGA, Leila Luiza. *Pesquisa de Emprego e Desemprego: trinta anos de acompanhamento do mercado de trabalho na Região Metropolitana de São Paulo. Estudos Avançados*, São Paulo, v. 28, n.º 81, p. 127-140, Aug. 2014.

IBGE Agência de Notícias. IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18459-pib-fica-estavel-no-3-tri-mas-cresce-1-4-frente-ao-mesmo-periodo-de-2016.html>. Acesso em: 01 nov. 2018.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento - SMUL. Informe Urbano n.º28, Agosto de 2017. *O desempenho do PIB Municipal de São Paulo entre 2002 e 2014*. São Paulo: SMDU, 2017.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento - SMUL. Informe Urbano n.º27, Junho de 2017. *O ingresso no mercado de trabalho em São Paulo*. São Paulo: SMDU, 2017.



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**

Heloisa M. Salles Penteado Proença
Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento

Luciana Pascarelli Santos
Coordenadoria de Produção e Análise de Informação

Eduardo Donizete Pastrelo
Divisão de Análise e Disseminação

Informes Urbanos

Elaboração

José Benedito de Freitas
Vitor César Vaneti

Equipe Técnica

José Marcos Pereira de Araujo
Marcos Toyotoshi Maeda
Regina Magalhães de Souza

Diagramação

Carla Garcia de Oliveira

http://smul.prefeitura.sp.gov.br/informes_urbanos
informesurbanos@prefeitura.sp.gov.br